

O BRINCAR EM TEMPOS DE PANDEMIA: REFLEXÕES NA PERSPECTIVA DA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL

PLAYING IN TIMES OF PANDEMIC FROM THE PERSPECTIVE OF HISTORICAL-CULTURAL THEORY

EL JUEGO EN TIEMPOS DE PANDEMIA DESDE LA PERSPECTIVA DE LA TEORÍA HISTÓRICO-CULTURAL

Isabeli Rodrigues¹ 0000-0002-9671-2365

Daiana Camargo² 0000-0002-1931-5577

¹ Universidade Estadual de Ponta Grossa – Ponta Grossa, Paraná, Brasil; isabeli10.rodrigues@outlook.com

² Universidade Estadual de Ponta Grossa – Ponta Grossa, Paraná, Brasil; camargo.daiana@hotmail.com

RESUMO:

Entendendo as interações e as brincadeiras como eixo norteador da Educação Infantil e a relevância destas para o desenvolvimento integral da criança, apresentamos neste texto algumas considerações acerca do brincar com base na realidade vivida no isolamento social durante os anos de 2020 e 2021. Buscamos identificar e analisar as discussões e práticas dos professores e pesquisadores diante deste contexto diferenciado, que restringe a circulação e a interação das crianças. Optamos por um levantamento de dados em lives e palestras on-line, depois foram analisados materiais gratuitos produzidos para o público educacional durante o isolamento e disponíveis em redes sociais e plataformas de vídeo, constituindo uma análise fílmica. A discussão dos resultados permitiu constatar que os materiais produzidos são uma grande possibilidade de diálogo e formação no campo educacional e científico e que o brincar precisa cada vez mais de uma perspectiva diferenciada.

Palavras-chave: educação infantil; teoria histórico-cultural; brincar; Covid-19.

ABSTRACT:

The proposed article refers to pedagogical practices in Early Childhood Education. As a central theme, we present the changes and adaptations of Playing in the pandemic by covid-19. In this sense, the research in question tries to understand the importance of Playing considering the period of social isolation based on the historical-cultural Theory approach and what pedagogical practices the professors- researchers are developing in this context in order to contribute to new studies and reflections. This is a document analysis and data collection, exploratory study, because were analyzed free materials produced to the educational public during isolation in social networks and virtual communities. The discussion of the results allowed us to verify that the materials produced are a great possibility of dialogue and training in the educational and scientific field and that Playing needs more and more a differentiated perspective.

Keywords: early childhood education; historical-cultural theory; playing; Covid-19.

RESUMEN:

El artículo propuesto se refiere a prácticas pedagógicas en la Educación Infantil. Como tema central, se presentan los cambios y adaptaciones del Jugar en la pandemia por la covid-19. En ese sentido, la investigación en cuestión busca comprender la importancia del juego

considerando el período de aislamiento social, con base en el abordaje de la teoría histórico-cultural y cuáles prácticas pedagógicas los profesores. Los investigadores están desarrollando en este contexto para contribuir a nuevos estudios y reflexiones. Se trata de un análisis documental y de levantamiento de datos, de cuño exploratorio, pues se analizaron materiales gratuitos producidos al público educativo durante el aislamiento en redes sociales y comunidades virtuales. La discusión de los resultados permitió verificar que los materiales producidos son una gran posibilidad de diálogo y formación en el ámbito educativo y científico y que el Jugar necesita cada vez más de una mirada diferenciada.

Palabras clave: educación infantil; teoría histórico-cultural; jugar; covid-19.

Introdução

Devido ao distanciamento social, imposto pela pandemia de Covid-19, as instituições educativas foram fechadas e as crianças precisaram ficar em suas casas. A pesquisa iniciava e, até então, apenas com um direcionamento para estudo bibliográfico e a produção do estado do conhecimento acerca do brincar e as reflexões da teoria histórico-cultural (THC). A situação nova e desafiadora do isolamento nos proporcionou novas indagações quanto à interação com o outro, e quem é este outro. Como os ambientes e a forma de comunicação mudaram, fomos instigados a saber sobre as mudanças e as possibilidades do brincar no contexto da pandemia. Aos poucos, as redes sociais passam a divulgar entrevistas, *lives* e outros espaços de reflexão sobre a criança em isolamento. Assim, a pesquisa toma um outro direcionamento e nos indagamos: o que dizem os professores e pesquisadores do campo da educação sobre o brincar e o isolamento social?

Entendemos que o brincar pode ser discutido de diferentes perspectivas. Para a teoria histórico-cultural, que busca uma pedagogia sociocentrada na criança por meio do diálogo e da cultura, Ditz e Cristo (1995), citados por Carvalho, Alves e Gomes (2005, p. 218), afirmam que “a atividade lúdica do brincar oferece uma válvula de escape para as fantasias da criança ante as pressões do mundo que a cercam”.

As crianças têm a necessidade de brincar diariamente, assim como o ser humano é sociável e precisa estar em contato com o outro para formar a si mesmo e ao próximo. Para Folque (2017, p. 63), “o lugar da criança na pedagogia da infância é no ‘mundo com os outros’, neste encontro com o mundo reconhecemos o seu modo próprio de agir, de interagir e de atribuir significado, tornando-a assim, sujeito cooperante do seu próprio processo de humanização”. Neste sentido, buscamos compreender como se estruturou o brincar nos espaços restritos das casas, em diferentes situações e contextos da realidade das crianças brasileiras, e o que podemos apontar como possível, considerando o direito de brincar.

Para que haja uma aprendizagem significativa, cabe ao professor ter a responsabilidade de dar importância ao que pode ou não ser lúdico para a criança desenvolver em casa. No entanto, é preciso compreender que este desafio depende da sua formação e de suas concepções. Dessa forma, a complexidade e o contexto atual em que vivemos trazem inúmeras implicações ao trabalho docente, sendo de grande valor para a reflexão no âmbito educacional e científico. Assim sendo, buscamos compreender qual a relevância atribuída ao brincar das crianças pequenas durante a pandemia de Covid-19 por meio dos conhecimentos produzidos e compartilhados por *lives* e palestras em redes sociais e comunidades virtuais, a fim de contribuir para novos estudos e reflexões de professores e acadêmicos de pedagogia.

A teoria histórico-cultural e a educação da infância

Relacionar temáticas com a teoria histórico-cultural é compreender que o ser humano se constrói histórica e culturalmente. Ele é histórico porque se desenvolve com base no que as gerações anteriores construíram e posteriormente lhe apresentam, e cultural porque aprende conforme a época e o meio em que está inserido: “Legado de condições passadas e as forças vividas da situação presente” (ELHAMMOUMI, 2016, p. 19). Vygotsky foi o proponente da psicologia histórico-cultural, trouxe em sua teoria o processo da formação dos conceitos e a afirmativa do desenvolvimento pelas interações sociais. Sendo assim, a THC, fundamentada no materialismo histórico-dialético, visa elucidar e compreender o comportamento humano.

Além de Vygotsky, outros autores continuaram sua trajetória na teoria histórico-cultural. Importantes nomes como Leontiev, Luria, Elkonin também compõem a teoria, assim como autores brasileiros: Suely Amaral Mello, Flávia Asbahr, Marta Sueli de Faria, Stela Miller, Sinara Almeida de Costa, com grandes obras publicadas que ampliaram a teoria no Brasil.

Com a elaboração de sua teoria, Vygotsky, além de psicologia, estudou medicina por muitos anos, trabalhando a questão cerebral como um sistema aberto, flexível, determinado não apenas por funções biológicas, mas pela sua história e cultura. Por este motivo, suas concepções são multidisciplinares: biológicas e culturais. Para o autor, o que se constrói socialmente em grupos, os símbolos e instrumentos apresentados, é o que concretiza e desenvolve o funcionamento cerebral. Assim, “A biologia nos fundou, mas estamos hoje sujeitos às leis culturais, e, na cultura, somos um campo de possibilidades, potências em termos de desenvolvimento” (COSTA; MELLO, 2017, p. 13).

Compreende-se, assim, que a cultura é um conceito-chave para a THC. Desde os primeiros meses de vida, é a parte essencial para se constituir o ser humano, o processo biológico ligado ao sócio-histórico. É por meio da cultura, de instrumentos e símbolos que se apresenta ao outro e que se constrói indivíduos. Esse processo tem características específicas, de cada meio em que se encontra e do momento histórico em que se vive, são diferentes e determinantes em cada forma de conceber homem, mundo e sociedade. A formação de conceitos é internalizada pelo sujeito conforme o seu desenvolvimento. Nessa perspectiva, Oliveira (2019, p. 30) argumenta que “formas culturalmente dadas serão, ao longo do processo de desenvolvimento, internalizadas pelo indivíduo e se constituirão no material simbólico que fará a mediação entre o sujeito e o objeto de conhecimento”.

A THC traz em suas concepções que é na infância que a criança consegue estabelecer inúmeras relações e formar aptidões desde o seu nascimento, mas também a sua formação é uma possibilidade e não uma certeza, como anteriormente muitos teóricos traziam. Ela é capaz apenas de se apropriar dos objetos e entrar em contato com eles se lhe forem apresentados na sua máxima possibilidade e cultura. A formação de sua personalidade acontece com base na vivência social concreta e de diferentes relações.

A possibilidade de internalizar significações é o que permite a criança construir, interpretar e internalizar. Quando ela consegue representar mentalmente um objeto sem que ele esteja concretamente presente e sem que tenha acesso a ele, isso é um grande salto vivenciado na infância. Suas formas de pensamento ficam cada vez mais complexas e surge também a formação da linguagem. A linguagem é fundamental na mediação entre o sujeito e o objeto de conhecimento, é por ela que a criança se torna capaz de se comunicar e categorizar objetos. Assim, a linguagem é um signo que também é capaz de realizar a mediação.

Consideramos que a teoria de Vygotsky e a amplitude de seus conceitos e ponderações, além dos escritos de seus parceiros e dos pesquisadores que se dedicaram à THC no decorrer dos anos, contribuem no contexto educativo ao demarcarem a importância da educação crítica e com sujeitos ativos, participativos, capazes de se apropriarem e internalizarem cultural e historicamente significações, se humanizando e indo além de gerações anteriores. A creche, a pré-escola, a família e todas as relações vividas e apresentadas durante a infância são os interlocutores mais experientes em seu processo de humanização.

A compreensão do brincar por meio da THC

Quando pensamos na palavra brincar, o que vem a nossa mente? Qual seu significado no dicionário? Frequentemente, assimilamos o brincar à diversão, à fantasia e ao passatempo, com a errônea concepção de que leitura e escrita são separadas do brincar. Para compreender o verdadeiro sentido do brincar como aquele que expressa, cria e se desenvolve dentro de um corpo em movimento, é preciso entender suas concepções. Desse modo, olhar para as bases legais e teóricas e o que importantes estudiosos, em especial nesta reflexão, Vygotsky, abordaram a respeito.

A respeito das concepções legais, a legislação brasileira reconhece explicitamente o direito de brincar. Tanto na Constituição Federal (1988), artigo 227, quanto no Estatuto da Criança e do Adolescente, o ECA (Lei nº 8.069/1990), Art. 16 do Capítulo II, o brincar está entre um dos direitos à liberdade. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação, a LDB (Lei nº 9394/1996) ainda o assegura nas creches e pré-escolas da rede pública de ensino.

O documento das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEIs) (2010) afirma que “brincar dá à criança oportunidade para imitar o conhecido e para construir o novo” (BRASIL, 2010, p. 87).

A teoria históricocultural relaciona o desenvolvimento ao contato com o outro, com os símbolos e linguagens presentes no meio cultural. É com base na mediação entre sujeito e objeto que as funções psíquicas vão se desenvolvendo. Para entender como esta teoria se relaciona com o brincar, é necessário definir a concepção de criança e educação para Vygotsky, sendo resumidamente a primeira como um sujeito histórico que faz parte das relações sociais, e não como mera preparação para a fase adulta e a concepção de educação como um processo de apropriação de cultura e humanização.

Em sua “teoria da atividade”, Vygotsky enfatiza que a atividade prática dominante da criança é o brincar, ou seja, é pela brincadeira que se apropria da produção cultural e se desenvolve como ser humano. Isso significa que, ao brincar, a criança “[...] toma posse do mundo concreto enquanto mundo de objetos humanos com o qual reproduz as ações humanas. (LEONTIEV, 1997, p. 305, apud ARAÚJO, 2006, p. 44).

O brincar é essencial para o desenvolvimento da criança, pois fundamenta e guia a construção de sua aprendizagem, trazendo uma gama de possibilidades. Desde que a criança entra em contato com a brincadeira, ela estabelece experiências, ideias, sentimentos e emoções que constroem sua personalidade e as relações para o seu futuro. Rollim, Guerra e Tassigny (2008, p. 176) afirmam que o brincar, “tão característico da infância, traz inúmeras vantagens

para a constituição da criança, proporcionando a capacitação de uma série de experiências que irão contribuir para o desenvolvimento futuro dela”.

Para tanto, brincar é a forma de conhecer a si mesmo e ao mundo desde pequeno, portanto, não deve ser esquecido e sim levado cada vez mais a sério em estudos e discussões por pais, educadores, pedagogos, psicológicos e pela sociedade em geral.

Caracterização do contexto pandêmico e os desafios para a educação

Nos anos de 2020 e 2021, a população mundial presenciou momentos delicados de medo e incertezas com a pandemia da Covid-19. Uma doença infecciosa causada por um vírus recém-descoberto que é transmitido principalmente por meio de gotículas geradas quando uma pessoa infectada tosse, espirra ou exala. Com uma situação atípica, tendo como objetivo a não propagação da doença, a Organização das Nações Unidas (ONU) passou a orientar as decisões acerca da pandemia mundialmente, pois a situação passou a agravar o cenário com o aumento significativo do número de infectados, logo a população foi obrigada a reforçar as medidas de higiene e ao distanciamento social.

O fechamento das escolas foi uma medida de segurança a fim de assegurar a saúde de todos. Decisão da qual emergem desafios e dificuldades, pois garantir a educação das crianças pequenas requer cuidados mediante as suas especificidades e seus princípios, como destacam Scalabrin Coutinho e Côco (2020). Sobre estes cuidados, demarcam-se questões como a manutenção do vínculo, a ponderação quanto ao uso de telas, a garantia do brincar além de questões que envolvem segurança alimentar e emocional, considerando a diversidade das realidades sociais das crianças. Assim, “No que tange a procedimentos, em alguns contextos, optou-se, de modo aligeirado, pela substituição das atividades presenciais com as crianças por atividades remotas, denominadas em alguns casos de educação a distância (EaD)” (COUTINHO; CÔCO 2020, p. 4).

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9394/1996 (BRASIL, 2020), a Educação Infantil objetiva o desenvolvimento integral da criança em suas dimensões física, psíquica, intelectual e social, além de complementar as ações da família e da comunidade. Define como função social da Educação Infantil o cuidar e o educar. Então, indagamos: Em que consiste cuidar e educar em contexto de pandemia?

Quando se fala em Educação Infantil, logo surge em nossos pensamentos a troca de afeto, a socialização e as interações, o uso de jogos e brincadeiras, o desenvolvimento e a aprendizagem. O obstáculo maior desde o início da pandemia é encontrar, dia após dia de

isolamento, maneiras de minimizar os impactos da pandemia para as crianças. Uma educação que “[...] mediante os desafios enfrentados, seja capaz de ajudar as crianças, mesmo as pequenas, a tomar consciência de que são seres livres, aptas a resistir às adversidades e às condicionalidades, respondendo à vida com coragem e responsabilidade” (MONTEIRO; PEREIRA, 2020, p. 13).

As pesquisas e as discussões acadêmicas com os profissionais da educação e da saúde podem auxiliar a compreender como se constrói o cotidiano dos pequenos e como pais, professores e a sociedade olham/compreendem a Educação Infantil. As DCNEIs colocam o foco nas interações e na brincadeira como eixos estruturantes do currículo, além de considerar os princípios éticos, políticos e estéticos que deveriam nortear a produção do conhecimento nas escolas infantis. Como manter os eixos estruturantes do currículo Interações e Brincadeiras que as DCNEIs trazem como foco? Quais metodologias usar para manter os Direitos de Aprendizagem (conviver; brincar; conhecer; expressar; explorar; participar) prescritos na BNCC como primordiais para o planejamento do professor?

Desde o início do isolamento, se intensificaram as discussões a respeito do uso das tecnologias e das mídias sociais, tão necessárias para esse período, enfatizando que a desigualdade social e educacional, que já eram grandes em nosso país, aumentaram.

Muitas famílias em situação de pobreza não têm televisão, acesso à internet e ao celular, e acabaram perdendo alguns benefícios sociais, com as instituições educativas fechadas, como ajuda com alimentos, produtos de higiene e roupas que recebiam. Contexto este que vai além do acesso às propostas escolares (tarefas, atividades ou outros termos utilizados).

Em muitos momentos, os professores precisaram mudar algumas práticas que eram usadas diariamente antes da pandemia, além de planejar a retomada das aulas presenciais. Foi necessária muita informação e formação para educadores, pedagogos e secretários da educação, buscar e estudar documentos, novas práticas pedagógicas e principalmente a construção do diálogo com a família, sendo que pais não são profissionais formados.

Um grande desafio foi a manutenção do contato diário com pais ou responsáveis, que, em muitos casos e por inúmeros problemas e vivências pessoais, não conseguiam responder às mensagens dos professores ou realizar as propostas em casa. A Educação Infantil, em um momento de dificuldade de estabelecer a relação família-escola, deve procurar continuar estabelecendo a sua função social de creche e pré-escola, desenvolvendo as potencialidades físicas, cognitivas e afetivas das crianças, capacitando-as para que se tornem cidadãos participativos na sociedade em que vivem.

O essencial nesta situação incomum é manter o máximo de contato com a família e dar o apoio necessário para o diálogo, além de presenciar o olhar cuidadoso sobre as ações das crianças, questionando-se e buscando entender como este momento foi e está sendo vivido. Deixar de lado o foco principal muitas vezes dos planejamentos, das burocracias, da ansiedade de cumprir o calendário letivo, e focar no contexto da criança, no que é real. Momentos estes que enfrentamos vão além da função que o professor tem ao ensinar e educar. Falar em pandemia e na falta de contato com as famílias é olhar também para a necessidade de novas políticas públicas que se concretizem e cumpram suas funções do auxílio àquele que mais precisa em situações de dificuldades.

Como é a vida de cada uma dessas crianças? E as famílias? Com quem eles interagem – adultos, irmãos mais velhos, irmãos mais novos, primos? Será que há algum animal de estimação como cachorro, gato, passarinho, galinha, cavalo, vaca, tartaruga? Como é o espaço da casa? Tem quintal? É um apartamento grande ou pequeno? Há corredor, sala, quantos quartos? Ou será que é um “barraco de uma porta só”? E os móveis? Será que há uma mesa ou cama onde possam brincar de cabana? Televisão, computador, celular, joguinhos eletrônicos? Será que podem brincar de correr dentro de casa? Jogar bola? Pique-pega? Esconde-esconde? (MONTEIRO; PEREIRA, 2020, p. 10).

Desta maneira, emergem nas vozes de cada uma a imaginação com o encontro da realidade. Criar, fantasiar, imaginar e sonhar são verbos que diariamente fazem presença no pensamento de cada criança que utiliza o que tem na sua vida real para brincar dos mais diversos jogos e brincadeiras, interagindo com as pessoas próximas que fazem parte de suas criações, e é este espírito criativo que habita o ser infância, que difere do olhar adulto para as situações vividas.

Como a teoria histórico-cultural aborda, as crianças se desenvolvem e aprendem brincando, em diversas experiências do cotidiano real e cultural. Constroem conhecimento em contato com objetos e pessoas em suas vivências cotidianas. É notório que a pandemia do coronavírus mudou completamente o cenário mundial em todas as áreas da vida humana, não diferindo na educação. Todavia, trouxe novas possibilidades de valores e experiências que estão sendo vivenciadas no simples, no dia a dia do distanciamento. Os professores passaram por diversos desafios e continuam dia após dia dando o seu máximo em sua profissão. Espera-se que esses valores continuem sendo vividos diariamente na Educação Infantil, nas salas de aulas presenciais e que não sejam esquecidos, como uma oportunidade de fazer melhor em consequência de uma triste pandemia.

Reverendo rotas: metodologia, organização e análise

No decorrer dos meses de realização da pesquisa, nos deparamos com a situação das crianças em isolamento e uma nova realidade que afetou diretamente o brincar, o que nos mobilizou a alterar a rota traçada para o estudo, direcionando o olhar para além do material bibliográfico e tomando como elemento de análise os vídeos de especialistas, professores e pesquisadores que discutiam o contexto pandêmico e as implicações no brincar.

O estudo foi organizado com base nos pressupostos da pesquisa qualitativa e de cunho exploratório, vivenciada na limitação e simultaneamente na ampliação do campo virtual, pois tratou de analisar e coletar dados nas interações sociais do contexto virtual, tão presente na pandemia.

Em tempos de pandemia e, conseqüentemente, da necessidade do isolamento social, as pesquisas em diversos setores e em destaque na educação, passaram por mudanças e adaptações, sendo necessário delimitar o campo da pesquisa, que antes acontecia em sua grande parte no contato real e pessoal com seus agentes, para uma busca vivenciada nos meios de comunicação como a internet, sendo este um recurso uma ferramenta para coleta de dados.

Sobre a própria produção acadêmica, vale ressaltar que muitas pesquisadoras se depararam com a necessidade de redefinição de objetos, alterações no horário de trabalho e produtividade, inviabilidade de pesquisa de campo e observação de fenômenos estudados. (MALLAPATY, 2020, apud LACERDA; RAMALHO, 2020, p. 13).

Como afirmam Lacerda e Ramalho (2020), a metodologia escolhida faz parte de um processo de autorreflexão e como um espaço de grande oportunidade para debater sobre o contexto atual que vivenciamos e suas especificações.

Considerando a amplitude dos materiais de análise no contexto de um estudo qualitativo, optamos pela análise de filmes amparada nos escritos de Penafria (2009), que considera que analisar um filme é sinônimo de decompor, a fim de compreender relações entre os elementos do filme. A autora ainda ressalta que não existe uma metodologia universalmente aceita, o mais comum é pensar na decomposição dos filmes para análise.

Neste sentido, podem-se organizar as análises de diferentes elementos: análise textual, análise de conteúdo, análise poética, análise da imagem e do som. Optamos assim pela análise de conteúdo, cuja ênfase é o tema do filme, e “em seguida, faz-se um resumo da história e a decomposição do filme tendo em conta o que o filme diz a respeito do tema” (PENAFRIA, 2009, p. 6). Para a análise dos vídeos, recorreremos aos escritos de Knoblauch (2018), que enfatiza a importância de uma análise metódica, organizada e reflexiva, buscando apresentar

dados relevantes dos vídeos analisados e discussões amparadas no referencial teórico da pesquisa.

O brincar em tempos de isolamento social

Foram analisados materiais gratuitos produzidos para o público educacional durante o isolamento em redes sociais e comunidades virtuais por professores pesquisadores a respeito da Educação Infantil e o brincar a fim de identificar as concepções e percepções sobre o brincar no isolamento social. Após o estudo de materiais já disponíveis na internet, foi construído um quadro com os principais conteúdos produzidos durante o isolamento que tinham relação com o brincar em tempos de pandemia. Os vídeos gravados e transmitidos ao vivo foram selecionados da plataforma online YouTube. Foram demarcados para a análise materiais produzidos entre março e novembro de 2020, tendo em vista que a intensificação do isolamento gerou a necessidade da discussão do cotidiano da criança em casa, bem como entendemos que as constantes revisões e mudanças nas aulas presenciais indicam a necessidade de um tempo de reflexões e ações.

Após a filtragem dos materiais, foram selecionados ao todo 24 vídeos que apresentavam uma ampla ligação com o brincar em tempos de pandemia, a maioria pela relação de títulos que abordavam o tema ou pelas seleções de palavras-chave, como: brincar; pandemia; coronavírus; Covid-19 e Educação Infantil. Tendo em vista a categorização dos dados, segundo Bardin (1979), para uma primeira etapa foram considerados o canal que mais se destacou por maior produção de conteúdos relacionados à temática, o período com maior número de materiais produzidos, o vídeo com mais visualizações e a relação destes com seus títulos.

Quadro 1 – Categorização de dados da pesquisa

Canais – maior produção de conteúdos relacionados ao brincar na pandemia	Período com maior número de materiais produzidos	Material com o maior número de visualizações com relação direta ao título da pesquisa
Canal “SEPE RJ” – (Sepe – Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação)	Maio de 2020, com seis lives transmitidas.	Canal Nina UnioRio, “Em tempos de Coronavírus onde brincam as crianças?”, com o total de 1.300 visualizações.
“WEBTVUFRJ” – Universidade Federal do Rio de Janeiro	Junho e setembro de 2020, com quatro lives transmitidas.	
Canal Instituto Alana	Live transmitida em abril de 2021.	“Brincar na pandemia: a força do espontâneo brincar em casa”, com o total de 6.136 visualizações.

Fonte: Dados da pesquisa – Organizados pelas autoras

Ao olharmos para o quadro acima, ressaltamos a preocupação de pesquisadores e educadores quanto ao tema do brincar e às particularidades do tempo de isolamento social.

Imagem 1- Apresentação das lives – 1



Fonte: YouTube.

Pela demarcação feita anteriormente, o mês de maio de 2020 teve a maior produção de materiais no YouTube, totalizando seis *lives* transmitidas e quatro nos meses de junho e setembro. Este fator de aumento de conteúdos provavelmente surgiu da necessidade de especialistas na área da educação, assim como na área da saúde, contribuírem com novos estudos, reflexões e adaptações que a Covid-19 continuava a exigir de todos os professores, famílias e principalmente das crianças em isolamento.

As *lives* com maior número de visualizações e que permitem maior interlocução com a pesquisa foram: “Em tempos de coronavírus onde brincam as crianças?” (maio de 2020 – YouTube/Nina UnioRio – 1.300 visualizações) e “Desafios para Educação Infantil em tempos de pandemia” (agosto de 2020 – Prof. Dra. Gabriela Tebet – Unicamp – 6.037 visualizações)¹ esta não tendo relação com o título da pesquisa, e sim com as palavras-chave do estudo.

Imagem 2 – Apresentação das lives – 2



Fonte: YouTube

Com as mudanças físicas e sociais que a pandemia da covid-19 trouxe a todos os pesquisadores, grandes e pequenos, a área de análise e pesquisa também ficou diferente. Como

¹ As informações de visualização são referentes ao momento de categorização e análise dos dados, em que retomamos os vídeos para coletar novos números.

já dito anteriormente, o campo de estudos da pesquisa utilizado foi a internet, especificamente o YouTube. Após a seleção dos vídeos, analisados com base em dados breves, como data de publicação, instituição, canal, ministrante e sustentação teórica, foram selecionados 5 deste total de vídeos, sendo estes considerados pertinentes para o tema da pesquisa por seu título e o grande número de visualizações/participações quando transmitidos ao vivo para o público. Os vídeos selecionados estão nomeados no quadro a seguir.

Quadro 2 – Materiais selecionados para análise

Título	Instituição	Canal	Número de acessos	Data de transmissão	Ministrantes
“O brincar em tempos de pandemia”	UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas	LEPE – Unicamp Pedagogia do Esporte	637	24 de maio de 2020	Débora Fabiani, Alcides Scaglia e Luís Felipe Nogueira
“O brincar antes, durante e após a pandemia”	Não vinculado	Família, Amor e Cuidado	258	1 de setembro de 2020	Pediatra Dr. Martins Filho e psicopedagoga Maibí Mascarenhas
“Em tempos de coronavírus onde brincam as crianças?”	UniRio – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro	NINAUNIRIO	1.302	29 de maio de 2020	Léa Tiriba, Rita Jaqueline Moraes e Mônica Oliveira
“Quem tem medo do coronavírus?” Brincadeiras em tempos de pandemia”.	UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro	WEBTVUFRJ	191	22 de julho de 2020	Luiza Biasoli, Fernanda Vaz e Amanda Pacheco
“Brincar na pandemia: a força do espontâneo brincar em casa”	Instituto ALANA	Alana	6.136	14 de abril de 2021	Elisa Hornett, Sandra Eckschmidt e Reinaldo Nascimento

Fonte: Dados da pesquisa – Organizados pelas autoras

O objetivo desta filtragem nos dados da pesquisa foi de identificar as concepções acerca do brincar e em especial do brincar em tempos de isolamento por conta da covid-19 pela fala de profissionais da educação. Também foi objetivo identificar qual a relação que se pode estabelecer entre estas concepções e a teoria histórico-cultural, referencial teórico desta pesquisa, para posteriormente contribuir em novos estudos e reflexões para educadores em prática e acadêmicos em processo de formação.

Na *live* “O brincar em tempos de pandemia”, exibida em maio de 2020 pelo canal LEPE Unicamp, da mesma instituição, traz uma discussão importante sobre as possibilidades e potencialidades do ato de brincar e suas ressignificações neste tempo de pandemia. Débora Fabiani, uma das ministrantes, ressalta a importância do brincar em tempo livre, já que

atualmente, tanto antes quanto durante a pandemia, as crianças estão “institucionalizadas” e com um tempo cronometrado e preenchido, com uma rotina fixa para todas as atividades.

As crianças não são estimuladas a tomar decisões e vivenciar o contexto da sua própria realidade. Luíz Felipe Nogueira traz em sua fala a importância do brincar solitário como uma construção rica, quando as crianças podem ser criativas e autônomas. Para os ministrantes que também são profissionais da Educação Física, o jogo é a melhor ferramenta para esse espaço de liberdade do brincar. Neste momento de pandemia, pode-se utilizar o espaço de casa para as brincadeiras, principalmente os jogos, que inclusive podem ser propostos pelos professores e realizados individualmente em casa, para que depois compartilhem as experiências com o restante da turma. Sabe-se que muitas crianças vivem a pandemia de maneira isolada, pois não têm irmãos ou crianças próximas para convívio, algumas também não recebem o incentivo necessário dos professores para aprender a brincar com o que se tem ou descobrir novos jogos e brincadeiras.

A *live* “O brincar antes, durante e após a pandemia”, exibida em setembro de 2020 e que conta com a presença de uma psicopedagoga e de um pediatra, discute a respeito primeiramente das brincadeiras antes da pandemia, que estavam presentes na socialização e nas brincadeiras tradicionais. Após o isolamento e a necessidade das crianças ficarem em casa, a brincadeira consegue acontecer por meio do lúdico e da criatividade, pois é a partir daí que podemos visualizar como as crianças irão agir em outras situações. Para eles, a pandemia trouxe um brincar que pode desestressar e ter a presença da família com a criança, seja os pais que estão trabalhando em casa como os que estão no presencial. O adulto brincando é um exemplo para a criança, que observa e também brinca. Porém, é preciso contextualizar que nem todas as crianças apresentam a mesma realidade social, a maioria dos brasileiros está em trabalho remoto desde o início da pandemia sem conseguir dar atenção suficiente aos filhos, ou se trabalham em serviços essenciais não conseguem ficar em casa, acompanhando as crianças. É preciso se questionar: De qual contexto social estamos falando? Todas as crianças têm realidades brincantes? Todas as crianças moram com sua família?

O papel que a criança representa na brincadeira está ligado à sociedade, porém desligada do mundo real, concreto, com o qual tem contato. O brincar de boneca, por exemplo, representa a mãe cuidando da filha, papel social do mundo externo que a criança, na maioria das vezes, presencia desde cedo. Ao mesmo tempo, a criança consegue se desprender do real significado do objeto, conseguindo transformar uma garrafa em uma boneca, por exemplo.

Esta ação, para Vygotsky, é constituída primeiramente da ideia, da imaginação que a criança tem, para depois ser refletida no brinquedo, ou seja, qual papel que este brinquedo

representa? Qual o sentido desta brincadeira? Portanto, o brinquedo é a transição/mediação entre a realidade externa e a ideia em questão, auxiliando assim a criança na relação entre o eu imaginário e o eu real. Como explicam Rollim, Guerra e Tassiny (2008, p. 177), “por meio do brinquedo, ela revive de maneira ativa tudo o que sofreu de maneira passiva, modificando um final que lhe foi penoso, consentindo relações que seriam proibidas na vida real”. Podemos designar esta ação como um momento do desenvolvimento das evoluções psíquicas.

Na terceira *live* selecionada, transmitida pelo canal NINAUNIRIO, “Em tempos de coronavírus onde brincam as crianças?”, as ministrantes trazem um assunto delicado, mas que é extremamente necessário discutir: os casos de violência contra a criança e seu aumento durante a pandemia. Por isso, antes de discutir sobre o brincar, é importante se questionar a respeito da realidade deste espaço e destas famílias. Há também presente no conteúdo, um conceito muito interessante sobre o “desemparedamento”² das crianças, que nada mais é do que sair das quatro paredes, do ambiente fechado, e experimentar a natureza, o brincar no sentido coletivo da vida, promover a escuta, o convite e os espaços que necessitam ser conquistados. Logo, para elas, a pandemia traz estas diferentes vivências que devem ser pensadas e transformadas pelo professor em uma forma que seja possível de se realizar durante a pandemia. O isolamento é necessário, mas muitos professores trazem essas experiências para ser feitas dentro de casa, com o espaço que tenha ali, pequeno ou grande. O professor organiza seu planejamento com objetivos que são opostos: manter o isolamento e experimentar o que se tem em sua realidade. Por exemplo, todas as crianças começam a observar o céu.

Quando o brincar auxilia no processo de aprendizagem e desenvolvimento, a criança se desperta como uma lente de aumento e vai além da sua realidade em amplos sentidos. Ela começa a construir confiança e a desenvolver sua autonomia.

Durante o brincar, ela se solta e se permite mais, vai além do comportamento habitual para sua idade e de suas atitudes diárias. Ela se torna maior do que realmente é na realidade. Assim, o brincar vai despertar aprendizagens que se desenvolverão e se tornarão parte das funções psicológicas consolidadas do indivíduo (ROLLIM; GUERRA; TASSINY, 2008, p. 179).

Conforme a teoria de Vygotsky, isto cria duas zonas de desenvolvimento: 1) o real, o que ela já sabe de sua realidade a aplica na brincadeira e; 2) a potencial ou proximal: o que ela pode aprender brincando, pela mediação dos adultos ou de crianças mais velhas. Logo, a

² Os escritos de Tiriba (2018) destacam a importância do contato da criança com o ambiente natural: “desemparedar e conquistar os espaços que estão para além dos muros escolares, pois não apenas as salas de aula, mas todos os lugares são propícios às aprendizagens” (TIRIBA, 2018, p. 235).

importância de boas intencionalidades pedagógicas se faz presente, havendo a necessidade do brincar ser o eixo da organização escolar. Para a teoria histórico-cultural, o desenvolvimento fica impossibilitado de acontecer na falta de situações propícias para o aprendizado. Como solução, as atividades lúdicas podem ser o melhor caminho de interação entre os adultos e as crianças e entre as crianças entre si para gerar novas formas de desenvolvimento e de reconstrução de conhecimento (ROLLIM; GUERRA; TASSINY, 2008, p. 180).

A *live* “Quem tem medo do coronavírus? Brincadeiras em tempo de pandemia”, do canal UFRJ, é resultado do projeto “Cuidado colaborativo”, desenvolvido para as crianças de baixa renda e que vivem em situações de violência na cidade do Rio de Janeiro. Durante a transmissão, as ministrantes Amanda, Fernanda e Luísa, que são professoras, estudantes e extensionistas, explicam e trazem exemplos de brincadeiras tradicionais que foram construídas no projeto; e com materiais simples, higienizados e seguros, as crianças puderam brincar mesmo durante o isolamento. A ideia principal é lembrá-las do seu lugar de crianças enquanto infâncias, auxiliando assim na saúde mental e psicossocial dessa região da cidade. Além disso, trazem a discussão sobre a importância de explicar sobre o vírus, o que auxilia a mente das crianças a deixar de vê-lo como uma coisa invisível e aproximá-lo da realidade, cientes dos cuidados a serem tomados.

A *live* do instituto ALANA, “Brincar na pandemia: a força do espontâneo”, é fruto de uma extensa e importante pesquisa sobre o brincar na pandemia. Além dos conteúdos ministrados ao vivo na plataforma do YouTube, a equipe exibe documentários, escritas e podcasts sobre o assunto.

Imagem 3 – Brincar na pandemia: a força do espontâneo



Fonte: YouTube Instituto ALANA

Neste espaço de conversa sobre o brincar, o foco recaiu sobre o brincar espontâneo, que, para os pesquisadores, vem da alma da criança e provoca algo novo, mudanças,

possibilidades e criatividade. Ele não tem hora para acontecer e vai transformando não só as crianças, mas também a família que se torna mais observadora e mergulhada nesse mundo de curiosidade e encantamento. Portanto, esse foi o objetivo principal da pesquisa que é observar e dialogar por meio do olhar dos pais, que têm realidades e espaços diferentes durante o isolamento.

Após esta breve análise e descrição dos materiais, é possível perceber que os profissionais das mais diversas áreas da educação, ao ministrar as *lives* transmitidas pelo YouTube, se questionam primeiramente sobre o que é o brincar: Quais são suas relações? E como é para as crianças viver esta “grande loucura”, como eles mesmos denominam? Como já dito anteriormente, na THC o brincar é fundamental para o desenvolvimento infantil, pois ele fundamenta e guia a aprendizagem. Estudiosos como Deborah Fabiani, Alcides Scaglia e Luís Felipe Nogueira, da *live* “O brincar em tempos de pandemia”, do canal Lepe Unicamp, também alertam para a importância deste brincar em tempo livre, já que hoje o tempo está totalmente cronometrado, com crianças ainda mais institucionalizadas neste momento pandêmico, fechadas dentro de casa, com rotinas enrijecidas para as mais diversas atividades e a necessidade de preencher o “vazio” do tempo a todo momento.

Com o afastamento social, sentimentos invadiram adultos e crianças, o medo, a incerteza do tempo, a saudade se fazendo necessário acolher. Entendemos que o cotidiano é um percurso a caminho de nós, trata-se de um espaço onde os indivíduos compartilham suas artes de fazer inventando maneiras de viver. (CERTAU, 1994 apud CASTRO; VASCONCELOS; ALVES, 2020, p. 6).

Isso tudo causa uma angústia ainda maior no desenvolvimento das crianças, que já iniciam sua infância com horários rígidos, compromissos fixos, pouca socialização e um tempo mínimo destinado ao brincar e principalmente ao brincar livre. Estas falas se relacionam diretamente com a pandemia, pois na maioria das vezes as crianças não estavam vivenciando uma rotina tão diferente nas creches e pré-escolas das que vivenciam em casa por conta do isolamento, retomando novamente os questionamentos de quais funções sociais as escolas de Educação Infantil estão cumprindo.

A construção de sua realidade e do que a criança vivencia desde cedo no seu cotidiano é composta por regras e detalhes. No ato de brincar, são as regras que se adaptam ao mundo da criança e não o contrário. No momento do corpo em movimento, sozinha ou com outras crianças, ela cria sua própria linguagem, anseios, pensamentos e “problemas”, construindo assim o seu próprio eu. Para tanto, “A criança, ao brincar, expressa sua linguagem por meio de gestos e atitudes, as quais estão repletas de significados, visto que ela investe sua afetividade nessa atividade” (ROLLIM; GUERRA; TASSIGNY, 2008, p. 177). Lamentavelmente, esta

afetividade é com frequência negada pelos sistemas de ensino, que desde cedo transformam cada individualidade das crianças em um uníssono de alunos.

Para a teoria histórico-cultural não há brincadeiras sem regras, pois é a regra que ajuda a desenvolver uma diferenciação entre ação e significado. É necessário que as crianças sejam estimuladas a desenvolver a autonomia e a criatividade em suas escolhas e decisões, sendo estas iniciadas na própria brincadeira espontânea e no jogo, no mundo real do brincar, em seu espaço próprio de liberdade e sem hora para acontecer. Segundo Costa e Melo (2017), é na infância que as crianças estão mais intensamente conhecendo e desvendando o mundo que as rodeia.

Vygotsky, em seus estudos, conclui que o brinquedo surge dessas necessidades não realizáveis de imediato. A criança, que pela sua idade não pode realizar o papel que deseja, realiza-o na brincadeira. Esta, como denomina Eidt e Menezes (2020, p. 46), “é a atividade principal da criança na idade pré-escolar e surge como solução de uma contradição por ela vivenciada nesta fase de seu desenvolvimento”. A THC traz em suas discussões a importância da brincadeira de faz de conta para o desenvolvimento dos pequenos. É no mundo imaginário que as crianças apresentam suas tensões e também suas vontades que gostariam de trazer para o mundo real, adaptando regras, sentimentos e emoções, formando assim sua personalidade e vínculos entre a pessoa e o mundo que a rodeia.

As brincadeiras são construídas quando a criança começa a experimentar tendências não realizáveis para resolver a tensão gerada pela não realização de seu desejo, a criança envolve-se em um mundo ilusório e imaginário onde seus anseios podem ser realizados no momento em que quiser. Esse mundo é o brincar (ROLLIM; GUERRA; TASSINY, 2008, p. 178).

Por outro lado, a pandemia trouxe um novo olhar da família sobre a creche e a pré-escola e sua equipe docente e pedagógica. Porém, maior ainda foi o olhar sobre o brincar espontâneo das crianças dentro de casa, com realidades diferentes entre si. Como comentam os profissionais Elisa Hornett, Sandra Eckschmidt e Reinaldo Nascimento, da *live* “Brincar na pandemia: a força do espontâneo – Brincar em casa”, do Instituto Alana, quando afirmam que os “pais estão orgulhados no mundo de seus filhos”, o que consequentemente provocou novas mudanças e novas possibilidades, pois a família passou a prestar atenção no processo do brincar. Em contraponto, as profissionais da *live* “Em tempos de coronavírus onde brincam as crianças?”, Léa Tiriba (UNIRIO), Rita Jaqueline Moraes (SME Novo Hamburgo) e Mônica Oliveira (Conexão Natureza), questionam-se sobre onde brincam as crianças, considerando as diferentes realidades vivenciadas pelos brasileiros.

Quando o adulto brinca e convida a criança para brincar, ele se torna um exemplo, e usa seus sentimentos e esperança ao construir novos mundos e novas regras. O lúdico no brincar

também leva a um processo de relaxar tanto o adulto quanto a criança, que naturalmente carregam estresses gerados pelo contexto atual de pandemia e isolamento. As atividades lúdicas podem ser o melhor caminho de interação entre os adultos e as crianças e entre as crianças entre si para gerar novas formas de desenvolvimento e de reconstrução de conhecimento.

Há também um convite e uma necessidade de se restabelecer com a natureza, por menos que ela esteja presente em nossa volta, pois, quando os professores (e, neste contexto, as famílias) levam as crianças para fora,³ proporcionam que elas se desenvolvam de forma integral. Esse espaço do lado de fora, como os profissionais comentam, é um “desemparedamento”, ao sair de quatro paredes. Faz-se necessário repensar esse espaço e o cuidar da natureza e das crianças.

A intencionalidade educativa deve estar em função do desenvolvimento das crianças nas diferentes atividades criadas na cultura, para que elas possam, nos modos de existir mais plenos de consciência, estar e se relacionar com o mundo dos objetos, da natureza e das pessoas. (COSTA; MELLO, 2017, p. 18)

O desenvolvimento pleno da consciência não está em momentos complexos e difíceis para as crianças. Ele se encontra no detalhe e no simples, nas descobertas, construções e mediações com o mundo em que vivemos.

Assim como no brincar, a gente não quer terminar... Tecendo algumas considerações

A análise realizada, portanto, nos permitiu perceber que os educadores ministrantes das lives, assim como o seu público presente, questionam-se a respeito das diferentes realidades que envolvem o cotidiano de milhares de crianças por todo o país. Demarcamos como importante o reconhecimento e a reflexão quanto à(às) realidade(s) do brincar para cada criança, em seus diferentes espaços e contextos. Pasqualini e Edit (2016 apud EDIT; MENEZES, 2020, p. 38) alertam que a “pobreza na atividade tem como consequência o empobrecimento do psiquismo”.

Identificamos que o brincar foi um tema recorrente em vídeos de transmissões virtuais e de forma gratuita para todo o público educacional. Mais do que falar sobre o brincar e trazer ideias do que fazer com as crianças em casa, profissionais da educação, da saúde e da família fazem importantes ponderações sobre a necessidade de ter um olhar mais atento a este brincar

³ Neste contexto de isolamento social, nos referimos aqui a espaços abertos (quintais, jardins) que, mesmo quando existentes no espaço da casa, nem sempre integram o cotidiano dos pais e crianças.

que passou a se estruturar dentro de casa, nas contradições entre as restrições de espaço, as possibilidades encontradas no imaginário das crianças e o papel do adulto neste brincar (recursos, tempos, parcerias).

Há algumas possíveis reflexões em tempos de incertezas, como o brincar que na pandemia nos mostra a sua força e a sua necessidade ainda maior de estar no cotidiano livre das crianças, como um momento de desenvolvimento físico, cognitivo e social e também como um refúgio para vivenciar melhor a realidade que nos cerca. A pandemia nos trouxe medo, perdas irreparáveis e indignações com a política do país, e até hoje nos deixa grandes incertezas, mas também nos ensinou a ser mais solidários e empáticos com nós mesmos e com os outros, a ter cuidado com quem nos cerca, com base no olhar de esperança presente nas crianças. É esse olhar tão necessário que pode chegar à Educação Infantil, repensar práticas e fazer deste um ambiente de alegrias, ludicidade e socialização, pois as crianças ficaram meses dentro de casa à espera de reencontrar os amigos e a professora. As lives, neste momento de dúvidas, são uma grande possibilidade de diálogo e formação para se ter um amparo maior e construir esperanças de um novo caminho para a educação no geral.

No entanto, é necessário discutir e estudar cada vez mais a importância da brincadeira para a criança e se perguntar, como família e profissionais, como este desenvolvimento está acontecendo, pois só assim é possível estruturar e organizar adequadamente as funções necessárias a serem trabalhadas na criança para a formação de sua personalidade. Um cuidado maior com a família e a importância desta parceria com a Educação Infantil é fundamental para que as crianças se sintam capazes e seguras, pois estas carecem de brincadeiras livres, jogos e desafios diariamente, para se desenvolverem ao máximo diversas habilidades que o brincar traz para a infância.

Movimento, tempo livre, escuta atenta e ludicidade são assuntos identificados em todos os materiais produzidos e analisados, que podem ser discutidos/relacionados com a teoria histórico-cultural, considerando que a criança experimenta e aprende por meio da cultura, da mediação e da interação propiciada pelo brincar (ou pelos brincares).

Referências

- ARAÚJO, Elaine Sampaio. **A atividade do brincar e o desenvolvimento infantil na perspectiva histórico-cultural**. Revista Espaço Pedagógico, v. 13, n. 2, p. 40-49, jul./dez. 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.5335/rep.v13i2.7851>. Acesso em: 4 nov. 2022.
- BARBOSA, Maria Valéria; MILLER, Stela; MELLO, Suely Amaral. **Teoria histórico-cultural: questões fundamentais para a educação escolar**. 1. ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016. 220 p.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Edições 70: Lisboa, 1979.

- BRASIL. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/534718/eca_1ed.pdf. Acesso em: 16 jun. 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. LDB – Lei n. 9394/1996, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CP n. 5/2020. Brasília: Ministério da Educação, 28 abr. 2020. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=145011-pcp005-20&category_slug=marco-2020-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 18 jun. 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC/SEB, 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil. Brasília: MEC/SEB, 2013.
- BRASIL. Portaria n. 343, de 17 de março de 2020. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus – COVID-19. Brasília: Ministério da Educação, 2020a. Disponível em: <http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>. Acesso em: 26 jan. 2021.
- CARVALHO, Alysson Massote; ALVES, Maria Michelle Fernandes; GOMES, Priscila de Lara Domingues. **Brincar e educação**: concepções e possibilidades. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 10, n. 2, p. 201-226, maio/ago. 2005.
- CASTRO, Mayara Alves de; VASCONCELOS, José Gerardo; ALVES, Maria Marly. A. **“Estamos em casa”!** narrativas do cotidiano remoto da educação infantil em tempos de pandemia. Rev. Pemo, Fortaleza, v. 2, n. 1, p. 1-17, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.47149/pemo.v2i1.3716>. Acesso em: 4 nov. 2022.
- COSTA, Sinara Almeida da; MELLO, Suely Amaral (org.). **Teoria histórico-cultural na educação infantil**: conversando com professores e educadores. 1. ed. Curitiba: CRV, 2017.
- SCALABRIN COUTINHO, Angela; CÔCO, Valdete. Educação Infantil, políticas governamentais e mobilizações em tempos de pandemia. **Práxis Educativa**, [S. l.], v. 15, p. 1–15, 2020. DOI: 10.5212/PraxEduc.v.15.16266.088. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/16266>. Acesso em: 4 nov. 2022.
- EDIT, Nadia Mara; MENEZES, Jessica Nunes. As implicações pedagógicas da periodização do desenvolvimento infantil à luz da psicologia histórico-cultural. In: MAGALHÃES, Cassiana; CARBONIEIR, Juliana (org.). **A teoria como condição da liberdade docente na educação infantil**. 1. ed. Curitiba: CRV, 2020. p. 35-52.
- ELHAMMOUMI, Mohamed. O paradigma de pesquisa histórico-cultural de Vygotsky: a luta por uma nova psicologia. In: BARBOSA, Maria Valéria; MILLER, Stela; MELLO, Suely Amaral (Org.). **Teoria histórico-cultural**: questões fundamentais para a educação escolar. 1. ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016. p. 25-36.
- FOLQUE, Maria Assunção. O lugar da criança partindo de uma perspectiva histórico-cultural. In: COSTA, Sinara Almeida; MELLO, Suely Amaral (org.). **Teoria histórico-cultural na educação infantil**: conversando com professores e educadores. 1. ed. Curitiba: CRV, 2017. p. 51-63.
- KNOBLAUCH, Hubert; SCHNETTLER Bernt; TUMA Rene. **Videography in Uwe Flick** (ed.), The SAGE Handbook of Qualitative Data Collection. London: Sage, 2018. p.362-377
- LACERDA, Ana Carolina Costa; RAMALHO, Laís. **Guia de pesquisa na quarentena**: obstáculos e possibilidades para as ciências humanas e sociais em isolamento social. Rio de Janeiro: DHLab/PUC-Rio, LabMet/IRI/PUC-Rio, 2020.

MONTEIRO, Sandrelena da Silva; PEREIRA, Raquel Rinco Dutra. Desafios e possibilidades em tempos de pandemia: pensando o acolhimento no contexto da educação infantil. **Revista de Ciências Humanas**, Viçosa, v. 20, n. 1, p. 1-17, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/RCH/article/view/10997>. Acesso em: 4 nov. 2022.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Vygotsky e o processo de formação de conceitos. In: TAILLE, Yves de La; OLIVEIRA, Marta Kohl de; DANTAS, Heloysa (org.). **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. 23. ed. São Paulo: Summus, 2019. p. 23-35.

PENAFRIA, Manuela. **Análise de filmes: conceitos e metodologia(s)**. Atas do VI Congresso da Sopcom. Abr. 2009. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-penafria-analise.pdf>. Acesso em: 21 set. 2021.

ROLLIM, Amanda Alencar Machado; GUERRA, Siena Sales Freitas; TASSIGNY, Mônica Mota. Uma leitura de Vygotsky sobre o brincar na aprendizagem e no desenvolvimento infantil. **Revista Humanidades**, Fortaleza, v. 23, n. 2, p. 176-180, jul./dez. 2008.

TIRIBA, Lea. **Educação infantil como direito à alegria**. Petrópolis: Paz e Terra, 2018.

SOBRE O/AS AUTOR/AS

Isabeli Rodrigues. Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Professora de Educação Infantil. Voluntária do programa de Iniciação Científica UEPG (Provic). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Infantil (GEPEEDI) e do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre o Trabalho Docente (GEPTRADO). Atuou como Educadora social no projeto "Uepg na Guarda Mirim" pela Nupepes Uepg em 2018. Contribuição de autoria: pesquisadora/autora principal - <http://lattes.cnpq.br/8236657190827727>

Daiana Camargo. Doutora em Ciências de la Educación pela Universidad Nacional de La Plata -AR (2018). Professora no Departamento de Pedagogia da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Membro do Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Educação Infantil – GEPEEDI (CNPq-UEPG). Contribuição de autoria: co-autoria; revisão de texto - <http://lattes.cnpq.br/4089725099671010>

Como citar este artigo

RODRIGUES, Isabeli; CAMARGO, Daiana. O brincar em tempos de pandemia: reflexões na perspectiva da teoria histórico-cultural. **Revista Educação em Páginas**, Vitória da Conquista, v. 02, e12237, 2023. DOI: <https://doi.org/10.22481/redupa.v2.12237>